

QUANTOS LADOS TEM UMA HISTÓRIA?

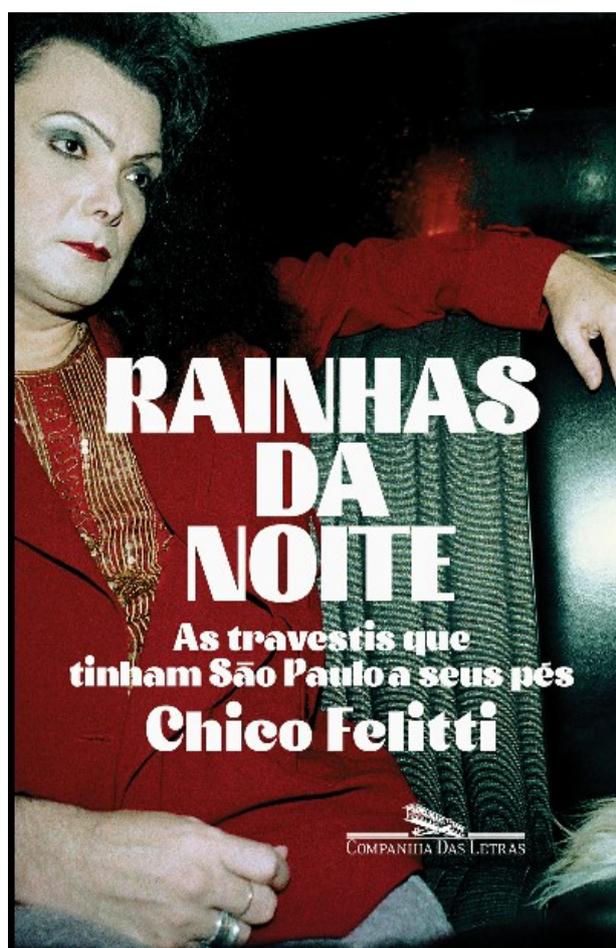
HOW MANY SIDES DOES A HISTORY HAVE?

Miguel Rodrigues de Sousa Neto*

Endereço profissional: Praça Nossa Senhora da Conceição, 163, sala 20, Centro, 79200000, Aquidauana, MSE-mail: miguelrodrigues.snetto@gmail.com

FELITTI, Chico. **Rainhas da noite** – as travestis que tinham São Paulo aos seus pés. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, 236 p.

Quem pode ter suas trajetórias, por vezes, insólitas, contadas? Quem são as pessoas cujas experiências podem ser transformadas em narrativas e passadas adiante? As vidas de pessoas fora dos grandes círculos do poder político, econômico e cultural interessam? Caso interessem, a quem? A história, durante parte significativa de sua existência como um modo de apreender as ações humanas no tempo e no espaço e garantir acesso a memórias escolheu poucas pessoas para que a posteridade as conhecesse. Uma das formas de incluir – e de excluir – quem comporia seus anais, seria avaliar o impacto de tal sujeito na sociedade da qual fez parte. Mesmo com um critério tão largo, os sujeitos subalternizados, grupos “marginais”, pessoas “comuns” têm estado fora das narrativas históricas.



* Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Lidera o Laboratório de Estudos em Diferenças & Linguagens – LEDLin e integra a Rede Internacional de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo.

A história, disciplina, não é a única responsável por tais apagamentos: a grande imprensa, outras ciências, museus e demais espaços de guarda das memórias têm comumente se fechado aos sujeitos desviantes, não hegemônicos. Pessoas consideradas “fora da lei”, “marginais”, “desviadas”, “perigosas”, “inconvenientes” têm sido mantidas longe das narrativas que contam sobre o Brasil, seus grandes centros urbanos, as cidades e vilas interioranas, as sociabilidades possíveis, os desejos vários, a capacidade transgressiva – quando não, figuram como vilões e vilãs, antagonistas a serem batidos.

Chico Felitti, jornalista formado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nascido em Jundiaí, em 1986, tem realizado um caminho inverso em sua atuação. Em 2020 esteve entre os finalistas do Prêmio Jabuti, na categoria Biografia, Documentário e Reportagem, com o pungente **Ricardo e Vânia: o maquiador, a garota de programa, o silicone e uma história de amor**, publicado em 2019. A obra dotou de humanidade Ricardo, uma figura marginalizada do centro da cidade de São Paulo, ao buscar e contar sua história, seus feitos, seu amor, e apresentou a versatilidade de uma existência, na figura de Vânia. Publicou **A Casa: a história da seita de João de Deus**, em 2020, e **Elke: Mulher Maravilha**, em 2021, uma ode à capacidade de invenção de si. As três obras foram publicadas pela editora paulistana Todavia. Em 30 de novembro de 2022 Felitti publicou, pela Companhia das Letras, **Rainhas da noite – as travestis que tinham São Paulo aos seus pés**.

Rainhas da noite é uma obra composta por dez capítulos (Batizada com uma peruca fervendo (1974); Uma guerra por Liza Minnelli (1976); Saída pra rua (1979); “Travesti não é artista. É travesti.” (1982); Um congestionamento de conversíveis na madrugada (1990); Gigi, Xuxa e Consigliere; Choro (1995); Meio quilo de cocaína no banco de carona; Armadura da noite (2000) e Elvis na Proibidu’s), dois Interlúdios (Boate Madame Satã (1987) e Boate Blue Space (1998)), além de Prefácio, Introdução, Epílogo (2022). O livro traz algumas imagens das protagonistas e de seu círculo mais próximo. As duzentas e trinta e seis páginas foram possíveis a partir das entrevistas com mais de cem pessoas que conviveram com Jacqueline Welch, Andréa de Mayo e Cristiane Jordan entre os anos 1960 e o final da primeira década deste século XXI, realizadas por Felitti, e da consulta a uma precária e sumária lista de documentos. Em seu Prefácio, Chico apresenta justamente a dificuldade em lidar com

as trajetórias de pessoas que foram colocadas à margem da oficialidade, dos espaços de poder.

A história de Jacqueline Blábláblá, Andréa de Mayo e Cristiane Jordan é uma história oral. Não há fotos do bordel de luxo que Jacqueline comandou durante décadas em frente à igreja da Consolação, nem registros oficiais dos anos em que Cristiane foi vítima de pedofilia, obrigada a se prostituir quando não tinha sequer treze anos, tampouco inquéritos sobre os assassinatos que Andréa de Mayo declarava publicamente ter cometido. Também não existe rastro de qualquer documentação sobre a riqueza financeira e os feitos artísticos dessas três grandes personagens da noite paulistana. Os poucos papéis que restam sobre a vida de Jacqueline, Andréa e Cristiane são boletins de ocorrência e processos por crimes como estelionato, notícias de prisão e de mortes publicadas na capa de tabloides, ou noticiadas timidamente por jornais. As três são vítimas do que hoje se chama violência arquivada — o apagamento da história de pessoas que viveram às margens da sociedade, o que torna impossível contar a biografia delas com o mesmo embasamento factual que teriam a de empresários, esportistas e qualquer outra categoria de ser humano considerada mais “digna” de documentação (p. 9-10).

A obra versa sobre três figuras que ocuparam um espaço importante no centro da cidade de São Paulo, especialmente no que tocava à comunidade formada por travestis, transexuais, transformistas, drag queens, homens gays e mulheres lésbicas. O senso de proteção da comunidade esteve presente nas ações destas três rainhas que governaram seus territórios com mãos de ferro. Não há unanimidade sobre a atuação de cada uma delas. Vistas como mafiosas, violentas, ternas, engajadas – determinadas! Felitti deixa óbvio o seu lado nestas histórias: o lado delas. Ele busca essas rainhas da noite paulistana nas vozes das pessoas que ficaram, nas fotografias



que ainda restam, e as reconstrói por meio de sua excelente capacidade de narrar.

As rainhas da noite são três: Jacqueline Welch, mais conhecida como Jacqueline Blábláblá, foi dona de um salão de beleza que atendia travestis, transexuais e prostitutas, além de um bordel de travestis, em um sobrado na Consolação com a Rego Freitas, de 1974 até 1994; Andréa de Mayo foi dona de

casas para travestis, atriz, ativista e dona da Prohibidu's, boate icônica localizada na Amaral Gurgel, 253; e Cristiane Jordan, “delegada” de cerca de vinte e dois quarteirões ocupados pela prostituição no centro da maior cidade brasileira.



Acima, na Imagem da esquerda, vemos, da esquerda para a direita, Kelly Cunha e Jacqueline Welch ladeadas por amigos. Na imagem da direita, vemos, da esquerda para a direita, Bianca Exótica e Cristiane Jordan, em foto de Cláudia Guimarães. A seguir, Andréa de Mayo vivendo Geni, na peça Ópera do malandro, em montagem de 1979 (Acervo J. S. Trevisan. Reprodução de Marcos Vilas

Boas), uma das imagens mais bonitas que constam da obra e que apresenta a exuberância travesti ocupando o centro do palco. As três imagens foram retiradas do caderno de imagens da obra.



Pelas páginas escritas por Felitti aparecem outras figuras, também conhecidas, como Celso Curi, Phedra de Córdoba, Darbi Daniel, Ditinha, Cláudia Wonder, Liza Minnelli, Margot Minnelli, Gretta Star, Kelly Cunha, Xepa Riso, Zilda Mayo, Marcinha da Corinθο, Divina Nubia, Brenda Lee, Luis Antônio Martinez Corrêa, Márcia Pantera. São figuras que transitaram pelos mesmos espaços que Jacqueline, Andréa e Cristiane, jornalistas, gente de teatro, transformistas e travestis, gente de cinema, gente da noite.

Essas personagens circulam pelos espaços disponíveis e que vão se modificando com o passar do tempo em São Paulo: a famosíssima Medieval, inaugurada em 1971, o cine Marabá, Gay Club, representativo de uma nova noite gay paulistana de classe média, o Folia Roleta, do final dos anos 1970, o Val Improvado, de 1975, a Corinθο, que viria substituir a Medieval, a Homo Sapiens, o Eduardo's, o New Ton Ton, Man's Country, o Cowboy. Chico Felitti é assertivo ao afirmar que se tratou de um *boom* gay, não LTGBT, inclusive porque poucas destas casas aceitavam travestis e transexuais como clientes, algumas, apenas como trabalhadoras, dos palcos ou da prostituição. Uma das passagens apresenta uma Jacqueline Blábláblá rica, ladeada por suas “filhas”, travestis por ela cafetinadas e protegidas, e ignorada na Medieval, transparente às demais travestis e aos funcionários da casa, como que para lembrá-la de que, ali, lugar de travesti não era nas mesas finamente postas. A boate é moderna e liberal para os ricos e artistas que a frequentam, como os integrantes do Dzi Croquettes ou Elke Maravilha ou Chiquinho Scarpa.

Nem todas as travestis conseguiam ocupar os palcos e, algumas, mesmo quando ocupavam, eram pouco remuneradas, ou sofriam toda sorte de retaliação. Ditinha, encontrada por Caetano Veloso nos corredores do Teatro das Nações, é convidada pelo cantor para se apresentar, sambando, durante parte de seu espetáculo. Fora da turnê, fora dos palcos, volta a ser achincalhada pela polícia, a ser vitimada pelo racismo. Entrevistada por Felitti, afirma: “A gente queria muito ser artista. Mas parece que o mundo não queria muito que a gente fosse” (p. 43).

Há histórias positivas sobre as três: capacidade de acolhimento, senso de justiça, assertividade nos negócios. E há outras histórias. Violência, extorsão, cafetinagem, acertos de contas violentos, às vezes, infundados, estavam na lista de ações destas pessoas que buscaram construir um pequeno império, um território no

qual pudessem dar as cartas, no qual fossem respeitadas e não fossem as vítimas de uma violência que marcada a experiência de pessoas como elas no seu cotidiano. As constantes batidas policiais, as prisões, os fechamentos dos estabelecimentos, as propinas cobradas para que pudessem ir e vir, isso compõe uma linguagem de violência na qual as três – e os demais – precisaram se versar.

As trajetórias das três rainhas anteriores à noite paulistana são pouco aludidas. Jacqueline deixou longe sua família, e dela se conheceu uma irmã. Andréa deixou perto uma família que lhe virou as costas durante a maior parte da vida. Cristiane deixou, também perto, uma família com a qual teve pouco contato depois de fugir de casa aos doze anos. Experiências de violência, abuso sexual e prostituição ainda na infância e na adolescência, da necessidade de construir outros laços, outros afetos, outros caminhos são comuns. As três foram donas de bordéis, boates, foram as responsáveis por “bombar” (aplicar silicone industrial de forma caseira) as jovens travestis, criando outros corpos, mais desejados por cada uma delas e também pelos clientes.

De forma controversa, o ativismo esteve presente nas ações de Jacqueline, Andréa e Cristiane. Seja ameaçando antigos clientes para impedir a prisão de travestis, espancando aqueles que tentavam violentar as travestis em seus pontos de prostituição, ou participando de programas de televisão e buscando apresentar as diversas facetas da noite travesti àqueles que não tinham acesso a ela, as três atuaram assiduamente.

Em algumas oportunidades, a violência foi a saída possível. Ditinha afirmou, sobre as ações policiais: “A partir dos anos 1980, a polícia começou a tratar travesti que nem lixo. Que nem saco de lixo mesmo. Pegavam, jogavam no camburão, maltratavam no caminho da delegacia e, quando chegavam, maltratavam ainda mais. Foi quando deixamos de ser sujeitos humanos” (p. 91). Tratava-se do final da ditadura instalada por meio do Golpe Militar de 1964. A “moral” e os “bons costumes”, um ajuntamento de prescrições demagógicas e hipócritas, servia de justificativa para perseguir homossexuais e travestis no período. Com o declínio dos governos militares parece haver a necessidade de construção de novos sujeitos a expiarem a violência do regime. Jornais da época aplaudiam as ações de “limpeza” realizadas pelos policiais, ao mesmo tempo em que eram denunciadas por ativistas,

como João Silvério Trevisan, por meio do artigo “São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti, publicado no jornal **Lampião da Esquina**, em seu número 26, de julho de 1980. As batidas policiais constantes levariam ao uso de diversas estratégias para se livrarem do camburão ou das celas, o que implicava no enfrentamento direto, fuga ou mesmo na automutilação.

As ações violentas da polícia não foram encerradas junto com a ditadura militar em janeiro de 1985, com a ascensão José Sarney à presidência da República. Isso pode ser constatado pelo enfrentamento de 1989: um levante travesti ocorreu no Bar da Sopa, quando Cristiane Jordan e Claudia Edson enfrentaram uma batida policial, seguidas por outras travestis. Elas se juntaram, quebraram o bar, partiram para cima dos policiais, e ainda vivaram uma viatura, feito que ficou na memória de muitos e que assume feições distintas dependendo do interlocutor ou interlocutora.

Todo reinado tem um fim, e o de cada uma delas chegou ao seu. Chico Felitti constrói essas três rainhas da noite, mas não apenas elas. Somos levadas e levados por suas palavras a passear por uma cidade em transformação, a ingressar em uma comunidade formada por pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, intersexos, assexuais e demais pessoas com variabilidade de gênero ou de orientação sexual (LGBTIA+), com suas contradições, ambiguidades, disputas. E, também, suas alegrias:

Depois de uma hora revisitando memórias, ela para em uma do Carnaval carioca da década de 1990. Kaká está com uma peruca armada que é metade branca e metade preta. Seu corpo está envolto em uma boia de orca inflável que foi transformada em vestido. A cabeça do animal sai do seu ventre. Ela vira o dedo, e a foto seguinte mostra as costas de roupa. O vestido termina em formato de cauda de baleia. O decote das costas deixa seu rego inteiro de fora. Kaká começa a rir. “Nossa, eu fiz um sucesso no Rio de Janeiro com essa roupa. O que eu chupei de pau naquela Banda de Ipanema não tá escrito...”, a risada evolui para uma gargalhada. O acesso de riso é tamanho que ela precisa se abanar com o maço de fotos que tem na mão. Uma brisa do passado lambe seu rosto. Ela se recompõe, tira com o dedo lágrimas que haviam se formado no canto dos olhos, e diz: “Eu passei bem, viu? Podem falar que sou gorda e caolha. Que era mais difícil do que hoje, até porque era mesmo. Mas a gente se divertiu pra caralho...”. (p. 235-236)

Jacqueline Blábláblá, Andréa de Mayo e Cristiane Jordan foram protagonistas de suas próprias vidas. Também o foram da vida da cidade de São Paulo, por cerca de

três décadas. Em um país que violenta cotidianamente mulheres e integrantes da população lgbtia+, que lidera o ranking de assassinatos lgbtfóbicos – e, ao mesmo tempo, lidera o consumo de pornografia com travestis –, no qual a expectativa de vida da população trans é de 35 anos, ou seja, metade da expectativa de vida dos brasileiros, essas três pessoas ocuparam os espaços possíveis e se fizeram ouvir e ver nele e fora dele. É importante considerar isso porque incorremos com frequência numa perspectiva subalternizadora que vê personagens como elas como vítimas, sujeitos a serem salvos, sem voz. Elas tiveram voz e a usaram. Elas disputaram espaços. Elas deram as cartas.

Os reinados terminaram, São Paulo continua se transformando. Mas, um esforço de preservação de memórias alternativas tem sido levado adiante. **Dzi Croquettes** (2009), documentário dirigido por Tatiana Issa e Raphael Alvarez, **São Paulo em Hi-Fi** (2013), de Lufe Steffen, **Lampião da Esquina** (2016), filme dirigido por Lívia Perez, **Divinas Divas** (2017), de Leandra Leal, são obras filmicas que objetivaram acompanhar e nos apresentar sujeitos que discordaram das normas heterocisgêneras, vivendo suas vidas do modo mais próximo de como imaginavam a si e seus afetos. **Rainhas da noite**, de Chico Felitti, incorpora-se, em outra linguagem, a esse notável esforço de romper com a história única, oferecendo outros sujeitos, outras vozes, outras narrativas. Outras vidas passíveis de serem vividas.

Recebido em 20 de novembro de 2022

Aceito em 30 de novembro de 2022